

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2019



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
CAPÍTULO 2	11
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
CAPÍTULO 3	21
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
CAPÍTULO 4	32
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
CAPÍTULO 5	45
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
CAPÍTULO 6	53
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
CAPÍTULO 7	65
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
CAPÍTULO 8	84
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

CAPÍTULO 9	97
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2361903129	
CAPÍTULO 10	107
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
DOI 10.22533/at.ed.23619031210	
CAPÍTULO 11	118
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031211	
CAPÍTULO 12	133
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
DOI 10.22533/at.ed.23619031212	
CAPÍTULO 13	141
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031213	
CAPÍTULO 14	148
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
DOI 10.22533/at.ed.23619031214	
CAPÍTULO 15	157
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.23619031215	
CAPÍTULO 16	174
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031216	

CAPÍTULO 17	183
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
Romero de Albuquerque Maranhão	
Norberto Stori	
DOI 10.22533/at.ed.23619031217	
CAPÍTULO 18	192
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.23619031218	
CAPÍTULO 19	200
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
Marcelo Marcon	
DOI 10.22533/at.ed.23619031219	
CAPÍTULO 20	211
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.23619031220	
CAPÍTULO 21	227
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031221	
CAPÍTULO 22	237
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
Jéfferson Luiz da Silva Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.23619031222	
CAPÍTULO 23	248
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
Denis Wan-Dick Corbi	
DOI 10.22533/at.ed.23619031223	
CAPÍTULO 24	260
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
Lívian Mota Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.23619031224	

CAPÍTULO 25	271
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
Marlene Ricardi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.23619031225	
CAPÍTULO 26	279
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
Nila Michele Bastos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.23619031226	
CAPÍTULO 27	293
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
Valter Luiz de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.23619031227	
CAPÍTULO 28	305
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
Jarbas de Mesquita Neto	
DOI 10.22533/at.ed.23619031228	
CAPÍTULO 29	317
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
Paula Afonso de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031229	
CAPÍTULO 30	330
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
Valeria Portugal	
DOI 10.22533/at.ed.23619031230	
CAPÍTULO 31	336
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
Nicole Naomi Handa Nomura	
DOI 10.22533/at.ed.23619031231	
CAPÍTULO 32	341
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
Mônica Chiffolleau	
Juliana Dias	
DOI 10.22533/at.ed.23619031232	
CAPÍTULO 33	348
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
Nelson de Jesus Teixeira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.23619031233	

CAPÍTULO 34	356
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Sabrina Sales Araújo Patrícia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.23619031234	
CAPÍTULO 35	368
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
Vera Maria Ferreira Rodrigues Regina Maria Macedo Costa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.23619031235	
CAPÍTULO 36	374
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
Valessa Leal Lessa de Sá Pinto Angelo Santos Siqueira Abel Rodolfo Garcia Lozano Sérgio Ricardo Pereira de Mattos Jhoab Pessoa de Negreiros Tereza Luzia de Mello Canalli Geovane André Teles de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.23619031236	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	385
ÍNDICE REMISSIVO	386

CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO

Denis Wan-Dick Corbi

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais,
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, Campus de Franca/SP Departamento de
História
Araraquara – SP

RESUMO: As narrativas da década de 1930 sobre música urbana no Brasil nos apresentam um modo singular de escrita da história que pode ser observado sob diversos aspectos. Neste trabalho, escolhemos investigar *O Choro*, de autoria de Alexandre Gonçalves Pinto, publicado em 1936, cuja estrutura textual e organização de suas memórias influenciará, de muitos modos, a historiografia do choro brasileiro. Neste sentido, para examinarmos esse registro de memória do carteiro, elegemos certas teorias da memória que nos servem não apenas para analisarmos esta narrativa, como ainda compreendermos um pouco mais desse universo escrito e narrado pelos chamados “primeiros historiadores da música popular”, isto é, os memorialistas de 1930. Sendo assim, buscamos alternativas epistemológicas para dar conta de enxergarmos todo o impacto que essa produção sobre música urbana causou na historiografia do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Memória, Música Urbana; Rio de Janeiro; Choro.

METHODOLOGICAL CONSONANCES IN THE CHORO HISTORIOGRAPHY ANALYSIS PERSPECTIVES

ABSTRACT: The narratives of the 1930s about urban music in Brazil present us with a singular way of writing history that can be observed in several aspects. In this work, we chose to investigate *O Choro*, by Alexandre Gonçalves Pinto, published in 1936, whose textual structure and organization of his memories will influence, in many ways, the historiography of Brazilian choro. In this sense, to examine this register of memory of the postman, we choose certain theories of memory that serve us not only to analyze this narrative, but also to understand a little more of this universe written and narrated by the so called “early historians of popular music”, that is, the memorialists of 1930. Thus, we seek epistemological alternatives to account for seeing all the impact that this production on urban music caused in the historiography of the theme.

KEYWORDS: Historiography; Memory; Urban Music; Rio de Janeiro; Choro.

A tradição historiográfica do choro brasileiro, muito inspirada nos escritos da geração de memorialistas da música popular brasileira da década 1930 ou, mais

precisamente, na emblemática produção escrita dos “primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil” (MORAIS, 2006:117-133) – tradição que foi constituída a partir do livro publicado em 1936, *O Choro: reminiscências dos chorões antigos*, do carteiro carioca Alexandre Gonçalves Pinto – congrega, ao menos, duas vertentes interpretativas de análise histórica do choro brasileiro que podemos observar na historiografia do tema.

Ao tratarmos desse mundo passado narrado pelo discurso de *O Choro*, precisamos levar em consideração o que os “primeiros historiadores da moderna música popular urbana” nos disseram a respeito da música urbana, consolidada a partir das publicações de 1930, a fim de descortinar como essas narrativas fundadoras trataram de aspectos de um Rio antigo manejado nos discursos usados pelos memorialistas, bem como observar as perspectivas que esses autores emitiram sobre a música brasileira, entre suas diferenças e similaridades.

Isto posto, nossos recortes estão ligados tanto às práticas sociais que rearranjaram a música urbana da capital, responsável pelo desenvolvimento de uma sociabilidade ocorrida entre fins do século XIX e começo do XX, quanto às estratégias de escrita utilizadas nesses relatos que se perpetuaram na historiografia sobre o tema, tanto estratégias empregadas na narrativa do carteiro, quanto aquelas dos três outros registros fundadores, a saber: *Samba: sua história, seus poetas, seus músicos e seus cantores* do compositor Orestes Barbosa, *Na roda do samba* do jornalista Francisco Guimarães (conhecido como Vagalume), ambas produções publicadas em 1933, e *Chiquinha Gonzaga*, de 1939 da musicóloga Marisa Lira.

Nas quatro narrativas fundadoras do pensamento sobre música popular urbana parece existir um elemento que legitima essa história – a ideia de cultura genuinamente brasileira que necessita ser transmitida – entrecortada, quase sempre, por biografias de músicos e de personagens da época que, de muitos modos, se relacionariam com estes autores.

Nas publicações sobre música popular da década de 1930, as impressões dadas pelos sujeitos e/ou narradores são construídas por meio de linguagens e expressões verbais que nos mostram todo o encanto que esses autores detêm ao tratarem da paisagem sonora carioca, aspectos que estariam presentes noutras recomposições de um Rio antigo sob a perspectiva da música urbana.

Ainda assim, podemos dizer que essas narrativas fundadoras nos proporcionaram aquilo que Jörn Rüsen chamaria de “constituição histórica de sentido”. (RÜSEN, 2010:160) Em outras palavras, nossa “constituição histórica de sentido”, dada por meio de uma conjuntura mediada por práticas musicais e representada por essas narrativas, se articulou com dados de racionalidade duvidosa e/ou por visões de mundo extremamente particulares, carregadas de juízos de valor sobre a cena musical passada e se legitimaram através do uso indiscriminado de argumentos de autoridade proferidos, sobretudo, por quem *viu, ouviu e/ou participou* da cena retratada.

Essas reconstruções históricas, proporcionadas por registros de memória junto de dados isolados sem referências precisas ou mesmo articuladas com tradições populares, se apoiaram, conjuntamente, nas estruturas de memória de cada um desses narradores de 1930, expressando nesses registros certas estratégias de escrita que foram partilhadas por seus testemunhos. (MORAIS, 2006:117-133)

Lembramos que um testemunho pode nos servir como um elo que liga a memória com a história e, como aponta Vinci de Moraes a respeito da história da música brasileira, “no caso específico da música popular, essa relação entre memória e história imprime uma tonalidade tão forte e característica que parece se tornar seu *eixo estruturante e permanente*, tornando-se ainda um problema atual a ser percebido, analisado e discutido.” (MORAES, 2010:222)

Partindo de uma história pouco mais ampla no que diz respeito ao desenvolvimento desse gênero musical, de uma história que contempla não apenas sociabilidades inerentes à atmosfera saudosista dos chorões antigos do Rio de Janeiro de *fin-di-siècle*, imbricada em um contexto urbano de modernização na *belle époque* carioca, mas uma história de determinadas práticas musicais que aconteciam no último quartel do século XIX alcançando as primeiras décadas do XX, observamos narrativas que recriaram, por meio de experiências isoladas dos “heróis da velha guarda da música”, certos espaços e certa história em particular.

Em outras palavras, nesta perspectiva de análise, a historiografia do choro recorreu, obstinadamente, ao papel central que as biografias obtiveram como conhecimento do passado, uma espécie de “ponto médio entre ficção e realidade histórica” (DOSSE, 2015:12) que serviria para recontar uma *história em si* a respeito da música popular urbana, naturalmente mais abrangente, como também para gerar um nexo causal que desse conta dos processos envolvidos com a história singular do choro.

Por outro lado, é possível visualizarmos que parte dessa historiografia específica do tema da música urbana, sobretudo a partir dos estudos realizados por José R. Tinhorão dispostos nos capítulos de “Música Popular: um tema em debate” (1966), buscou examinar aspectos estruturais e/ou quantitativos dessa *história em si*, tratando o passado de maneira pouco mais crítica, seja pela articulação de histórias isoladas junto a uma abordagem sociológica mais ampla, seja pelo questionamento de todo legado herdado dos memorialistas.

Sendo assim, pretendemos demonstrar a existência dessas duas prováveis linhagens interpretativas acerca da história do choro brasileiro em sentido amplo, ou seja, por meio dos diálogos estabelecidos entre uma *história em si* e as historiografias subsequentes relacionadas com o tema; bem como ilustrar alguns procedimentos adotados por cada uma dessas vertentes analíticas, principalmente no que toca à apropriação de registros de memória como elemento fundamental para a construção dessas narrativas.

De antemão, destacamos que a produção escrita a respeito do choro é bem

reduzida se comparada a outros gêneros musicais praticados no Brasil mas, ainda assim, variados aspectos discursivos foram compartilhados por pesquisadores de outras áreas da música popular urbana como, por exemplo, a aproximação de autor/narrador às cenas relatadas e a busca por origens desses gêneros musicais na história brasileira.

Tendo em vista que boa parte da herança escrita daquela produção da década de 1930 percorreu aspectos singulares dos indivíduos que participaram das paisagens sonoras da cena musical carioca, mais o caráter híbrido presente na escrita biográfica, é importante ressaltar que “a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado” e, neste sentido, concordamos com a prerrogativa de que “a biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor” (DOSSE, 2015:11-13), característica marcante desta produção.

Ademais, vale destacar, por exemplo, algumas questões como a plausibilidade dos fatos descritos sobre a música urbana, a sedução que as memórias sobre a história do choro brasileiro provoca, como ainda os discursos de autoridade presente nas narrativas da geração de 1930, sobretudo porque os autores, *grosso modo*, participariam da cena musical, visto que “esses primeiros memorialistas tinham em comum o fato de serem testemunhas oculares” (ARAGÃO, 2013:24); e, além disso, a “conduta historiadora” que praticaram se constituiria em um modelo paradigmático adotado em estudos posteriores sobre o tema da música popular urbana que influenciaria, mormente, a historiografia do choro.

Em *História e Música no Brasil*, publicado em 2010, Vinci de Moraes nos chama a atenção para o paradigma emprestado a partir dos estudos sobre música erudita, aquilo que o pesquisador denomina como “paradigma de vida e obra”. Essas narrativas fundadoras de 1930 são, portanto, típicos exemplos dessas construções textuais influenciadas por outros campos do saber porque se constituíram, ou tentaram se estabelecer, junto das biografias de grandes ícones da música popular da época.

No caso da história do choro, nomes como o de Joaquim Antonio Callado, flautista considerado como o pai do choro, Anacleto de Medeiros, regente da famosa Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e figura importante na disseminação do gênero para aquelas formações musicais, Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, personagens que fixaram ritmos estabelecendo pontes entre o universo musical erudito ao popular e, para muitos pesquisadores, o maior deles, Pixinguinha, responsável pela formatação do choro; foram elementos-chave na construção e no desenvolvimento dessa historiografia singular. (MORAES, 2010:233)

Dessa maneira, as narrativas fundadoras da música urbana brasileira sugerem que o percurso, o alcance social e a história propriamente dita desses ritmos e gêneros musicais seriam tributários da genialidade de cada um desses heróicos e míticos personagens, em detrimento de um contexto social, histórico e cultural

mais abrangente. Vejamos assim uma sistematização da história do choro pensada por Ary Vasconcelos, outro importante pesquisador, e adotada por muitos autores subsequentes:

A primeira geração de chorões floresce nos últimos vinte anos do Império. Compreende os vultos ilustres dos flautistas Joaquim Antonio da Silva Calado Júnior, Viriato Figueira da Silva, Virgílio Pinto da Silveira – todos também compositores – e ainda Luizinho, de quem não se conhece o nome completo. Se o choro tem pais, não se faz por menos: são quatro. Mas não se esgotam nesses os nomes dos chorões da primeira geração (VASCONCELOS, 1984:18)

Ary Vasconcelos segue seu texto destacando pouco mais de vinte nomes nesse mesmo parágrafo para legitimar a ideia de uma primeira geração de chorões que, obviamente, ocorre mediante ao conjunto de personalidades admiráveis. Em seguida destaca Chiquinha Gonzaga, “sem ser propriamente uma chorona” e Ernesto Nazareth dizendo que “se todo o repertório do choro se perdesse, o gênero poderia sobreviver só com as composições de Nazareth”. (VASCONCELOS, 1984:18)

Observamos todo o esforço do pesquisador parar reafirmar esse lugar comum que trata da genialidade de cada um desses personagens, responsáveis pela constituição da história de nossa música urbana, ao menos da história que perpassa para outras gerações

Destarte, elencamos quatro obras relacionadas com a história do choro brasileiro, na tentativa de melhor ilustrar aquelas duas prováveis linhagens interpretativas mencionadas acima, demonstrando, assim, certas consonâncias e dissonâncias metodológicas no que tange às estratégias de escrita da produção historiográfica referente ao assunto desde 1930.

De um lado, podemos situar obras mais próximas dos debates teóricos de uma história social e uma musicologia histórica, tais como “Música Popular: um tema em debate” (1966) e “O baú do Animal” (2013), de José R. Tinhorão e Pedro Aragão respectivamente. De outro, “Choro: do quintal ao municipal” (1998), de Henrique Cazes e “Joaquim Callado: o pai do choro” (2008) de André Diniz, obras que apresentaram procedimentos de escrita encontrados nas histórias tradicionais ou, especificamente, que mais privilegiaram modelos ensaísticos e uma heroicização dos personagens retratados, por assim dizer.

De toda forma, para compreendermos essas narrativas estabelecidas sobre o choro brasileiro, torna-se necessário tratarmos rapidamente de “O Choro” de 1936, da relação desse discurso com algumas teorias da memória para, enfim, exemplificar, a partir dos excertos das quatro obras aqui selecionadas, algumas características que perpassaram essa historiografia.

O documento inaugural da tradição escrita sobre o choro brasileiro, a obra de 1936 “O Choro: reminiscência dos chorões antigos”, consiste em um mosaico de experiências sofridas e/ou imaginadas pelo carteiro e autor/narrador dessas memórias Alexandre Gonçalves Pinto no contexto urbano carioca da virada do século XIX para o XX. O tempo passado aparece junto ao presente vivido pelo personagem central,

neste caso o narrador, e no texto é notória a coexistência de lembranças passadas do autor amalgamadas com as cenas experimentadas, como uma sobreposição de temporalidades que reuniria os destinos particulares dos chorões em torno de “um feixe de discursos”. (ARAGÃO, 2013)

Tinhorão, tratando do livro do carteiro, lembraria ainda que “um estudo envolvendo esses quase 300 músicos de choro lembrados pelo memorialista indicou que, dos 128 chorões cuja profissão foi possível determinar, 122 eram funcionários públicos” e que os Correios e Telégrafos continham “o maior contingente, ou seja, com 44 desses 128 músicos pequenos funcionários”. (TINHORÃO, 1997:129)

Cabe aqui dizer que a despeito de toda precariedade da escrita do “Animal”, apelido do carteiro nas rodas de choro, seja como discurso truncado, linguagem ortográfica primitiva, entre outros fatores, não se compromete aquilo que viria a ser um modelo de construção historiográfica a respeito da *história em si* da tradição do choro. Pelo contrário, esta maneira de se contar seria recorrente na historiografia subsequente.

Gonçalves Pinto reconstrói então a tradição dos chorões por meio de suas recordações estabelecendo uma espécie de micro-história desse gênero musical brasileiro, escalonando e situando os demais atores sociais envolvidos em um complexo jogo retratado na capital, aparecendo praticamente como detentor da verdade desses mais ou menos sessenta anos que sua obra pretende recontar, ou seja, “escrevendo de bôa fé[...] factos ocorridos de 1870 para cá”. (PINTO, 1936:9)

De todo modo, concordamos com Pedro Aragão quando diz que

sua escrita é uma trama polifônica e complexa que traz no bojo numerosos elementos: mistura fragmentos da imprensa carnavalesca da belle époque, elementos da oralidade, gírias, fragmentos de conceitos e ideias de diferentes estratos sociais da época (incluindo temas como nacionalidade, identidade e indústria cultural), referências a fatos históricos, políticos e cotidianos (ARAGÃO, 2013:16)

O texto do carteiro é constituído por mais de trezentos verbetes. Destes, a maioria são pequenas biografias de chorões da época e apenas vinte e cinco deles são “não-biográficos”. O chorão relata os espaços de sociabilidade desses músicos, além de comentar sobre a religião e as festas populares da época, política e a vida cultural do Rio de Janeiro em geral.

Existe uma filiação do autor/narrador aos mitos fundadores do gênero, apoiada, então, nas lembranças que guarda sobre as excentricidades presente na vida dos músicos retratados e na genialidade da maior parte deles. Outra característica fundamental na narrativa seria uma aproximação que o autor/narrador insiste em traçar com a história de cada um dos chorões tentando, de alguma forma, demarcar sua relação de amizade com a figura descrita.

Para José R. Tinhorão o livro “ingênuo” do carteiro seria “um quadro de época que se desenha através das memórias do bom Animal” (TINHORÃO, 1997:123) indicando aspectos significativos da geografia urbana, dessa cultura popular e da

sociedade brasileira do período:

Alexandre Gonçalves Pinto inicia o desfile dos nomes que lhe vêm à memória, citando sempre – o que é de suma importância para o estudo do meio em que viveram os chorões – as ruas em que moravam, os bairros em que se davam as principais festas e as profissões dos instrumentistas (TINHORÃO, 1997:120)

Gonçalves Pinto inaugura, por assim dizer, uma abordagem ensaística para recontar a *história em si* do choro brasileiro através de histórias particulares das vidas de mais de três centenas de chorões do Rio de Janeiro. Muitos pesquisadores do tema também adotariam essa “conduta historiadora”, ou uma estratégia de escrita semelhante que emprega uma linguagem que congrege autor e cena referida, dialogando direta ou indiretamente com os leitores, e isto, de algum modo, apareceria em interpretações posteriores, dadas pela historiografia do gênero.

Entretanto, ao analisarmos o passado relatado na obra do carteiro, destacando alguns episódios como factíveis, possíveis ou improváveis, operamos criticamente essa memória, seja através de uma teleologia da ação humana ou um simples progresso natural, e adentramos no vasto território do agir e do sofrer humano aferido, dentre outras questões, pela análise da temporalidade do livro. Ampliamos, assim, aquele passado em geral, ou melhor, a *história em si* visto que agora dispomos de mais recursos para reelaborar esses períodos:

O passado nunca é caracterizado por uma facticidade fixa, porque a subjetividade dos seres humanos que então agiram e sofreram está inscrita na mesma dinâmica temporal que nos atinge. Nós próprios nos situamos num ponto determinado no interior de cadeias geracionais de grandes e pequenas coletividades. É assim que o passado chega até nós, entranhando-se nas profundezas da nossa subjetividade. (SALOMON; RÜSEN, 2011:282)

De toda forma, é possível observar que nos relatos memorialísticos a temporalidade se apresenta de maneira difusa, quase sempre ao lado de uma cronologia desordenada ou mal estabelecida. Esta característica seria bem visível na linhagem ensaística da historiografia do choro, sobretudo no texto de Henrique Cazes.

Em geral, esta vertente interpretativa recorreria a imputação de falas nos personagens, como no texto do carteiro, a fim de preencher as lacunas naturalmente estabelecidas, e certos argumentos denotariam juízos de valor por parte dos autores/narradores quando, por exemplo, as emoções sofridas por estes são evidenciadas nas narrativas coexistindo com a exaltação de um motivo saudosista “dos tempos que não voltam mais”. (PINTO, 1936)

Além disso, poderemos observar que a autoridade presente nesse tipo discursivo, aparentemente asseguraria para o autor/narrador uma veracidade formal para a “recomposição fiel” da história em si, constituída a partir das memórias de quem viu, ouviu e/ou esteve presente. Contudo, “se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso apontá-la também como dependente de mecanismos de seleção e descarte” podendo

“ser vista como um sistema de esquecimento programado” (MENESES,1992:16). E mais, “a memória aparecerá, cada vez mais, como uma realidade vaga, fragmentada e incompleta; o passado será concebido como “reconstruído” e organizado sobre a base de uma coerência imaginária”. (ROSSI, 2010:96)

Na medida em que isso acontece, a historiografia ganharia forma mais precisa, isto é, corporificaria essa matéria passada contida na história em si, traduzindo-a em novos saberes e artefatos literários acerca desse mundo de outrora, pois “nada do que ocorreu no tempo, por força da ação humana, subsiste para além de seu tempo de outra maneira do que a da memória dos coetâneos e do que eles dizem de seu tempo e de suas ocorrências” visto que a “entrada no mundo histórico do passado se dá pela linguagem”. (SALOMON; MARTINS, 2011:294)

Ora, se “a memória está inteiramente vinculada à vivência” e, portanto, também à temporalidade decorrente da cena passada, a história em si “é relegada a uma temporalidade puramente exterior, a um tempo de fora”. Neste sentido, vale ressaltarmos que:

Imaginar não é lembrar-se. Certamente uma lembrança, à medida que se atualiza, tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me reportará ao passado a menos que seja efetivamente no passado que eu vá buscá-la, seguindo assim o progresso contínuo que a trouxe da obscuridade à luz. (BERGSON, 1999:158)

A proposição bergsoniana acima retrata parte do universo de relações que a memória pode estabelecer com seus objetos. Esse passeio entre imagens e lembranças demonstra, em tese, toda a fluidez presente nos meandros dessas narrativas de memória, além de coroar movimentos pendulares que esta assume diante de fatos e/ou recordações passadas. Ainda na esteira da colocação do filósofo francês, a memória serviria então como um mecanismo capaz de projetar luz onde temos trevas ou, neste caso, integrar lacunas da documentação como forma de combater a ignorância sobre um dado período histórico, gerando alguma solidez em uma realidade anteriormente experimentada.

Igualmente, algumas temáticas que relacionam os percalços provenientes dos registros de memórias com a *história em si*, por exemplo, são peculiarmente frágeis, pois, em muitos casos, admitem, nas análises, objetos efêmeros que abrangem situações pretéritas translúcidas, provenientes de contextos entrincheirados pela psique humana, como no caso da obra do carteiro e parte significativa daquela vertente ensaística.

Essa estruturação textual contém ainda doses de obscuridade, rememoração de eventos contíguos ao personagem central do enredo, exposição de mundos internos intangíveis e, sobretudo, um caráter ficcional recheados de configurações discursivas que exporiam, ainda que furtivamente, o tema do esquecimento dentro de um universo de experiências possíveis.

Paralelamente, Halbwachs diria que a memória se apoia nos quadros sociais

que a constituem e a complementam. A própria sociedade então ou determinados grupos sociais seriam os agentes que se lembram desse passado específico. E “se a memória se situa do lado da fragmentação, da pluralidade dos grupos e dos indivíduos que são seus vetores efêmeros, a história está do lado da unicidade” dada por uma coesão narrativa. Pensando assim, tanto a esfera individual como a coletiva merecem análises mais abrangentes e isso não apenas no caso da história do choro, mas também na articulação desses saberes, pois a memória coletiva seria vista como “um *enunciado* que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos”. (CANDAU, 2005:24)

Agora, refletindo sobre a *história em si* do choro brasileiro, o mundo individual do carteiro e o coletivo dos chorões, esses aspectos nos colaboram para reinterpretar a memória discursiva de *O Choro* de 1936, mesmo que a impossibilidade de recuperação integral dos fatos preexistentes em um documento desta natureza seja praticamente um ponto pacífico entre as correntes teóricas que abarcam escritos memorialísticos. Portanto

a multiplicação dos estudos sobre a memória coletiva permitiu compreender melhor a complexidade de seu modo de funcionamento e tornou possível sua abordagem crítica. O falso dilema da escolha entre o polo de uma história baseada em seu contrato com a verdade e o de uma memória regrada pela fidelidade transformase hoje [...] em uma nova história social da memória (DOSSE, 2012:287)

Analogamente, a fluidez que os escritos provenientes dos testemunhos proporcionam a passagem de uma experiência psicológica sentida pelo autor/ narrador dessa memória, evidenciando, de alguma maneira, a *duração* instaurada no interior dos acontecimentos. Sabe-se que Bergson conciliava a ideia de *duração* com duas outras características: *continuidade* e *heterogeneidade*; e que esses traços se misturavam com a ideia de espaço, decorrendo daí uma *multiplicidade de tempos* que nos indicariam diferenças significativas presentes na narrativa. Ou seja, através da identificação dessa multiplicidade de tempos e de eventos passados que poderemos reinterpretar o documento inaugural sobre o choro.

Ocorre que, diante de tais constatações, a operacionalização da memória se enfraquece junto aos métodos particulares da ciência histórica posto que esta absorve os objetos próprios da memória, dispondo-os conforme suas diretrizes exclusivas, fabricando, assim, alternativas frágeis para a compreensão da *história em si*, sobretudo quando empregamos como fonte um documento de memória, como no caso da música popular urbana deste período.

No livro *Choro: do quintal ao municipal* (1998), podemos dizer que a maioria das fontes advém da tradição oral do gênero e/ou da inclusão das memórias daquilo que o autor ouviu dizer sobre o choro. Praticamente não há indicações bibliográficas, embora exista um índice onomástico razoavelmente elaborado. Constituído por vinte e nove capítulos curtos, a obra dá a impressão de tentar dar conta de uma longa duração da história do choro, mesmo que para isso exista um trânsito livre do autor/

narrador por uma cronologia confusa e mal estabelecida.

Conjuntamente às ideias sobre as origens do gênero musical mais as suposições sobre a etimologia da palavra choro, aparecem no texto de Cazes construções assertivas com caráter opinativo: “portanto, se algo evocava melancolia era a maneira de tocar a melodia. Sendo assim, acredito que a palavra Choro seja uma decorrência da maneira chorosa de frasar, que teria gerado o termo chorão, que designava o músico que ‘amolecia’ as polcas”. O autor ainda destaca que “um estudo mais aprofundado da palavra choro certamente apontaria ainda mais caminhos” mas que “não ajudariam em nada a compreensão do processo artístico de desenvolvimento dessa musicalidade, este sim o assunto do livro”. (CAZES, 1998:17)

Quanto ao pioneiro da tradição escrita do choro, “o dublê de violonista e historiador Alexandre Gonçalves Pinto” segundo o próprio texto, Cazes deixa suas marcas dizendo:

é o autor do livro *O Choro: reminiscências dos chorões antigos*, documento único sobre os chorões da época. Esse livro, por tantas vezes usado como fonte, é tremendamente mal escrito e cheio de imprecisões e absurdos. Assim, vê-se literalmente na página 115 a seguinte sandice: “A polka é como o samba – uma tradição brasileira. [...] é a única dança que encerra os nossos costumes, a única que tem brasilidade”. Porém, quando tratado do ponto de vista estatístico e nos trechos em que fala dos ambientes do Choro, o livro revela, por entre dezenas de erros de gramática, dados importantes. (CAZES, 1998:16)

Ao lermos a obra, perceberemos que o pesquisador opta por tratar o livro de 1936, provavelmente o maior repositório de informações de chorões da *belle époque* brasileira, nem estatisticamente, nem historicamente, mas sim de maneira apaixonada, para não dizer acrítica.

Outro produção escrita destacada antes, fruto de uma dissertação de mestrado de André Diniz, apresenta-nos considerações relevantes sobre o passado do choro, ainda que o autor utilize categorias como “espírito” para explicá-lo. Há, também, um narrador associado àquela cena passada, curiosamente dado pelas preferências musicais do pesquisador e pelo fato dele conviver com os chorões do Rio de Janeiro da atualidade.

De toda forma, o livro *Joaquim Callado: o pai do choro* (2008), busca descortinar a ideia lendária que perpassa toda essa tradição de chorões tanto sobre seus heróis da velha guarda, sua filiação, quem seriam os primeiros a executarem uma música deste tipo e, sobretudo, o porquê Joaquim Antônio Callado Júnior detém esta paternidade. Por mais que o historiador se esforce para desconstruir o mito sobre o flautista, recorrente nas rodas de choro, em um primeiro olhar parece-nos que a ideia de herói está reforçada e a canonização do discurso sobre a história do choro, apoiado na herança viva da escrita do Animal, se mantém.

No entanto, diferentemente do livro de Cazes, podemos considerar que o estudo sobre Callado permeia as duas vertentes realçadas, com destaque para o modelo ensaístico no qual existe aqui, digamos, uma linha tênue entre um polo científico e

um ficcional na narrativa, dada talvez por preocupações editoriais e/ou pelo público-alvo focado por essa produção.

Notamos facilmente nesse texto um intercâmbio científico-ficcional, mais o diálogo estabelecido com o público leitor, bem como a interferência do autor/narrador tratando por exemplo das composições de Callado, quando o pesquisador chega ao ponto de dizer que “mostrava preocupação com o virtuosismo e a exploração dos recursos da flauta, o que resultava em lindas músicas. Era com esses recursos que tirava do instrumento toda a sua musicalidade e, se me permitem, com fôlego de diva de ópera”. (DINIZ, 2008:24)

Com relação às práticas musicais dos chorões antigos, o pesquisador reforça um passado nebuloso – posto que já se sabia da circulação de partituras manuscritas nas rodas de choro do final do XIX e até o próprio Animal mantinha um arquivo delas – dizendo que

os chorões do século XIX executavam e compunham melodias de forma intuitiva. Aliás, só na década de 1980 registrou-se uma geração em que grande parte tinha formação acadêmica ou havia participado de cursos que ensinavam a linguagem musical (DINIZ, 2008:36)

Acreditamos que reorganizar as memórias contidas no documento do carteiro carioca pode contribuir para identificar não apenas a fisiologia desse testemunho peculiar, mas ajudar a perceber como se desenvolve na narrativa um diálogo com uma história mais ampla sobre o choro brasileiro ou, quem sabe até, em que medida suas lembranças foram imaginadas, vividas e/ou compartilhadas em um grupo social coeso, pois, ao que parece, a memória “perderia sua força de orientação cultural se os sujeitos da rememoração acreditassem seriamente que o passado de que se lembram é uma ficção”. (SALOMON; RÜSEN, 2011:263)

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Pedro. **O baú do Animal**. Alexandre Gonçalves Pinto e O choro. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria L. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CAZES, Henrique. **Choro**: Do quintal ao municipal. São Paulo: Editora 34, 1998.

DINIZ, André. **Joaquim Callado**: o pai do choro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson C. Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular**: um tema em debate. São Paulo: Editora 34, 1966/1997.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 117-133, 2006.

MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Thomé (Orgs.). **História e Música no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2010

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A História, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP, São Paulo, v.34, 1992.

PINTO, Alexandre Gonçalves. **O Choro: reminiscencias dos chorões antigos**. Edição fac-similar 1936. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da História I: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UNB, 2010.

SALOMON, Marlon (Org.) **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC: Argos, 2011.

VASCONCELOS, Ary. **Carinhoso ETC (História e Inventário do Choro)**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1984

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

MARISTELA CARNEIRO- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-823-6



9 788572 478236